

ORGANIZAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES RIBEIRINHAS AMAZÔNICAS: UM ESTUDO NAS COMUNIDADES DE SANTA LUZIA E SÃO LÁZARO NO GRANDE LAGO DE MANACAPURU/AM.

Débora Cristina Bandeira Rodrigues¹

Nátalia Teixeira Andrade²

Thamirys Souza e Silva³

Camila Fernanda Pinheiro do Nascimento⁴

Resumo: O debate em torno da organização do trabalho das mulheres em contextos tradicionais não indígenas, ganha centralidade na cena contemporânea tendo em vista a busca por formas de desenvolvimento numa perspectiva de sustentabilidade. Neste sentido, o artigo apresenta discussão com base nos resultados parciais da pesquisa intitulada: Organização e Trabalho das Mulheres Ribeirinhas Amazônicas: um estudo nas comunidades de Santa Luzia e São Lázaro no Grande Lago de Manacapuru/AM, cujo objetivo principal é a discussão acerca das contribuições da mulher ribeirinha na organização sociopolítica e do trabalho no contexto local. A pesquisa de campo teve como base a pesquisa-ação associada a abordagens quantitativas e qualitativas. Nas comunidades investigadas, as mu-

1 Doutora na área de Gestão da Inovação em Biotecnologia. Coordenadora do Programa de Pós graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos Socioambientais e Desenvolvimento de Tecnologias Sociais na Amazônia/ grupo Inter-Ação. Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. E-mail: deb.band@gmail.com

2 Bacharel em Serviço Social, mestranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazonas. E-mail: nattexeira01@hotmail.com

3 Bacharel em Serviço Social, bolsista DTI do CNPq e pós-graduanda em gestão de políticas públicas. E-mail: thamy_rebeca@hotmail.com

4 Discente de Serviço Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pesquisadora de iniciação científica do Grupo Interdisciplinar de Estudos Socioambientais e Desenvolvimento de Tecnologias Sociais na Amazônia/ grupo Inter-Ação. E-mail: pn_camilafernanda@yahoo.com.br

heres são as principais detentoras dos conhecimentos relacionados aos processos de produção da farinha, principal produto de subsistência das famílias, ao mesmo em tempo em que são as responsáveis pela reprodução deste conhecimento através da tradição oral. Importante destacar que, o processo de plantio e produção da farinha é desenvolvido de forma artesanal, com tecnologias sociais desenvolvidas pelos próprios comunitários, com baixo impacto ambiental. As mulheres, nestas comunidades, são as principais responsáveis, em grande parte, pela organização social familiar e comunitária.

Palavras-chave: Organização sociopolítica; Trabalho; Mulheres ribeirinhas.

Abstract: The debate on women's work organization in non-indigenous traditional contexts, is the core in the contemporary scene in order to search for ways to develop a sustainability perspective. In this sense, the article presents discussion on the basis of partial results of the research entitled: Organization and Working Women Riparian Amazon: A Study In Communities In Santa Luzia and Saint Lazarus From The Great Lake Manacapuru / AM, whose main objective is the discussion of contributions of the riverside women in socio-political organization and work in the local context. The field research was based on action research associated with quantitative and qualitative approaches. In the investigated communities, women are the main holders of knowledge related to the flour production processes, the main product of livelihood of families, in the same time are responsible for the reproduction of this knowledge through oral tradition. Importantly, the process of planting and production of flour is developed by hand, with social technologies developed by community members themselves, with low environmental impact. Women in these communities are primarily responsible, in large part, by the family and community social organization.

Keywords: socio-political organization; work; Women riverside.

1. Introdução

Nas sociedades tradicionais não indígenas da Amazônia, as mulheres possuem papel social importante no processo de organização do trabalho, da economia doméstica e da comunidade de um modo geral. Na

leitura de MAUÉS (1993):

[...] é sabido que a mulher ribeirinha historicamente assume papel preponderante em seu contexto sociocultural, ao mesmo tempo em que luta para deixar de ser elemento de apoio ao homem apenas, buscando sustentar a cultura, as práticas sociais tradicionais e a realidade do *modus vivendi*. (MAUÉS apud RODRIGUES, 2009, p. 21).

Na perspectiva de alguns autores (FECHINE, 2008; AMAZONAS, 1984; RODRIGUES, 2009), pode-se observar que na maioria das comunidades ribeirinhas da Amazônia são as mulheres que realizam tanto o trabalho de artesanato, de fiar, de confeccionar redes, fazer e moldar louça de argila e cerâmica, muitas possuem o conhecimento em preparar a rede de pesca, fazer abanos ou leques, paneiros⁵ para o depósito de farinha, cestos, peneiras, confeccionam o *jirau* para tratar o peixe e suspensórios para plantar cebolinha e hortaliças; fabricam os seus próprios fogões de barro e o forno de fazer farinha, tecem o *tipiti* que é utilizado na fabricação de farinha, ao mesmo tempo em que desenvolvem trabalho de capinação do roçado para o plantio agrícola e posterior queimada do matagal retirado, num processo de fertilização e adubação da terra para o plantio. Além de ocupar-se dos serviços domésticos, são detentoras de um “sabe fazer” singular, construído, sobretudo a partir do estabelecimento da relação com a natureza, tendo suas bases fincadas, sobretudo, na tradição oral.

O dia-a-dia das mulheres amazônicas é composto por diversas tarefas a serem realizadas ao longo do dia, assim de acordo com estudos de Campos (2009) e Rodrigues (2009) é possível afirmar que a mulher ribeirinha contribui com o lugar em que vive e interage no espaço de seu cotidiano, com características próprias, entre as quais se podem destacar:

[...] a profunda ligação com o lar e dedicação a família; relacionamento do saber individual (família) e o social (comunidade); forte presença na agricultura, principalmente familiar. Esta possui uma significação do lugar em que vive e intera-

5 Cesto sem alças, feito em trançado largo de talas de palmeira, gerforrado de folhas, muito utilizado para transportar e/ou acondicionar certos alimentos (farinha-d'água, farinha de mandioca, açaí etc.) (Dicionário).

ge, construindo formas de participação no âmbito familiar e comunitário (CAMPOS, RODRIGUES, 2009, p. 94).

Diante do exposto, é possível afirmar que na cultura cabocla ribeirinha, as mulheres se constituem elemento chave como detentoras de um conhecimento específico, ao mesmo tempo em que sustentam a forma de organização familiar e comunitária, não só no âmbito do saber-fazer, mas, sobretudo de preservação da cultura imaterial existente nestes contextos, tendo em vista que são elas as “guardiãs” e principais responsáveis pela transmissão e/ou ensino destes conhecimentos/saberes par as gerações presentes e futuras.

Com base neste entendimento, o presente artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa realizada nas comunidades de São Lázaro (Dominginhos) e Santa Luzia (Bararuá) situadas no município de Caapiranga/AM, desenvolvida pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos Socioambientais e Desenvolvimento de Tecnologias Sociais na Amazônia: Grupo Inter-Ação e financiada pelo edital 032/2012 do Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em relação aos procedimentos metodológicos a presente pesquisa é de cunho participativo, fundamentada na pesquisa-ação que de acordo com Thiollent (2004) se constitui enquanto:

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2004, p.14)

Assim pode-se afirmar que todos os envolvidos são peças-chave no decorrer da pesquisa. A pesquisa-ação contempla pesquisa e intervenção, trabalhando com dados quantitativos e qualitativos numa dinâmica interdisciplinar, na qual a cooperação e as práticas pedagógicas são fundamentos necessários para a execução do projeto.

O resultado da pesquisa alcançado concerne às informações par-

ciais sobre o perfil das informantes e a caracterização das formas de trabalho, organização social, cultura e política e as tecnologias sociais utilizadas pelas mulheres ribeirinhas das comunidades estudadas.

2. Práticas socioculturais no contexto Amazônico: Caracterização do Lócus da Pesquisa.

Município de Caapiranga/AM

O município de Caapiranga tem a sua história ligada ao município de Manacapuru, em 1786 foi fundada uma aldeia no local por índios da etnia Mura que recebeu o nome de Manacapuru e foi elevada a categoria de município, apenas em 1981. O nome Caapiranga tem origem Tupi e significa folha vermelha, que era usada pelos índios nas pinturas corporais durante os festejos e rituais, recebeu este nome devido a grande quantidade de plantas encontrada no local³. Possui aproximadamente 9.456,618 km de extensão territorial.

De acordo com o senso demográfico do IBGE (2010) Caapiranga/AM é um município brasileiro no interior do estado do Amazonas que possui uma população de 10.975 habitantes. O município está situado na sétima Sub-região do Rio Negro/Solimões, de acordo com a Constituição do Estado do Amazonas, Art. 26.

Figura 01: Localização do Lago Grande de Manacapuru em Caapiranga/AM.



Fonte: Google Maps.

Comunidade de São Lázaro (Dominguinhos)

A comunidade de São Lázaro, mais conhecida entre os comunitários como Dominguinhos, que está localizada na área rural do município de Caapiranga/AM, às margens do Grande Lago de Manacapuru. A comunidade recebe esse nome em homenagem ao Santo Padroeiro, uma vez que a maioria os moradores locais são Cristãos Católicos.

Foi oficialmente fundada no ano de 1980 e os primeiros Moradores foram a Sra. Francisca de Oliveira Sales e o seu Esposo o Sr. Luiz Ferreira Sales que ainda moram no local, e atualmente conta com aproximadamente 130 moradores sendo 40 famílias. O total de casas construídas é de 35. No entorno de São Lázaro, situam-se outras comunidades ribeirinhas como Taboca, Cachoeira, Bararú I, II, III, Patauá, Daris entre outras.

O tempo de deslocamento da comunidade para a sede do município de Caapiranga é de 5h via fluvial, assim como para o município de Manacapuru/AM é de 9h, sendo o barco, o meio de transporte mais utilizado pelos comunitários, além do voadeira⁶ e a rabetá.

A infraestrutura da comunidade é formada por: (1) escola; (1) posto de saúde; (1) centro social; (2) campos de futebol; (1) igreja católica; (1) Sede da Associação de agricultores; (1) telefone público; (1) ambulância; (1) praça.

Nesta comunidade o fornecimento de energia elétrica acontece por apenas 03 horas no período da noite, através de um gerador de luz comunitário.

Quanto à educação, há uma escola Municipal na comunidade de São Lázaro que atualmente dispõe de 04 (quatro) zeladoras, 06 (seis) professores, sendo que 05 (cinco) residem na comunidade e 01 (um) reside na sede do município. Entre as modalidades de ensino há ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio sobre a forma de ensino multi-seriado, além do ensino tecnológico no período noturno. A escola atende, divididos em 6 turmas, em média 76 alunos ao total.

Sobre a infraestrutura, a escola possui 03 (três) salas de aula, 01 (uma) cantina, 01 (um) refeitório e 02 (dois) banheiros, importante destacar que a mesma passou por reforma no primeiro semestre de 2014.

No que diz respeito à organização sociopolítica formal, a comunidade possui 01 (uma) Associação de Desenvolvimento Rural dos Produtores da Comunidade São Lázaro, 04 (quatro) times de futebol: 02 (dois) femininos e 02 (dois) masculinos e 01 (uma) Associação de Pais e Mestres.

6 Lancha pequena utilizada para transporta entre 20 a 30 pessoas.

Na comunidade também existem as organizações informais, neste caso, possui 01 (um) clube de mães, 01 (um) grupo de produção e 01 (uma) Associação de Moradores da Comunidade de São Lázaro.

Sobre à moradia na comunidade, foi possível observar que 25 % das moradias são feitas de madeiras e 67 % são mistas (Madeira e alvenaria), se constituem moradias típicas de comunidades ribeirinhas na Amazônia.

Comunidade de Santa Luzia (Bararuá)

Santa Luzia é uma comunidade ribeirinha situada no Lago Grande de Manacapuru sob jurisdição do Município de Caapiranga, no Estado do Amazonas.

A viagem fluvial até a Comunidade de Santa Luzia tem início no Município de Manacapuru, percurso utilizando voadeira no Rio Solimões até chegar ao Grande Lago de Manacapuru. A viagem dura, em média, 3 horas e 30 min, no barco de linha é uma média de 10h. O acesso de Bararuá até a sede do Município de Caapiranga via fluvial, dura em média 6 horas de viagem. A comunidade de Santa Luzia situa-se entre as Comunidades de Castanheira, São Sebastião e São Francisco, foi fundada em 1980 com a chegada do Senhor Elois e Dona Maria que buscaram nesta região oportunidade de moradia própria e de trabalho na agricultura, vieram com os filhos ainda menores. Desenvolveram na comunidade, roçados para produção da farinha e também plantio para o cultivo de outras raízes e hortaliças alimentícias.

A comunidade é conhecida entre os comunitários como *Bararuá*, nome de um peixe encontrado no lago em frente à comunidade, composta atualmente aproximadamente 120 moradores.

Atualmente residem 24 famílias, sendo 24 o número de casas. Estas são feitas na maioria de madeira, sendo que somente 4 (quatro) possuem fossas fechadas, as demais são fossas abertas tipo buraco negro.

Quanto a infraestrutura, a comunidade possui 02 (duas) escolas, 01 (um) posto de saúde, 1 (um) centro social, 02 (dois) campos de futebol, 01 (uma) igreja católica, 01 (uma) igreja evangélica e 03 (três) associações: comunitária, dos pais e mestres e dos agricultores. Dispõe, ainda, de 01 (um) transporte coletivo, sendo uma voadeira do posto de saúde, e transportes individuais.

No tocante à energia, é fornecida por motor gerador comunitário que funciona durante aproximadamente 4 horas pela noite, fazendo parte

do projeto luz para todos, no qual a comunidade recebe 400L de diesel da Prefeitura de Caapiranga e 130L do Estado.

Quanto à educação, a comunidade possui 02 (duas) escolas: Escola Municipal Santa Luzia fundada em 1980 e Escola Municipal Elois Batista fundada em 2010 com 8 professores que lecionam da Educação Infantil até o Ensino Médio.

No que diz respeito à organização sociopolítica formal, a comunidade possui 03 (três) associações: Associação de Moradores da Comunidade de Santa Luzia, Associação Rural dos Agricultores, Associação de Pais e Mestres; 02 (dois) times sendo: 01(um) feminino e 01 (um) masculino. Sobre organização informal, as mulheres da comunidade estão se reunindo para realizar trabalho de corte costura, e os homens se organizando no desenvolvimento de criação de aves, ainda iniciando processo de criação.

3. Breve caracterização das informantes da pesquisa: Comunidade de Santa Luzia e São Lázaro em Caapiranga/AM

O trabalho de pesquisa na Amazônia requer um conhecimento particular e específico acerca da diversidade cultural do perfil das mulheres que residem na região e nas comunidades, deve-se levar em consideração o fato de que cada comunidade possui especificidades e similaridades com outras áreas da região.

Traçar o perfil dessas mulheres significa dizer quem são elas, como vivem e o que fazem. Estes fatores exigem certa proximidade do pesquisador com a comunidade, no sentido de estabelecer relação de confiança. Desta forma, identificaram-se características importantes para revelar o perfil dessas mulheres.

Com relação à faixa etária das comunitárias foi possível identificar que em Santa Luzia, 40% das informantes possui idade entre 25 e 34 anos e em São Lázaro 25% das informantes possui entre 40 e 44 anos de idade. vale ressaltar que a pesquisa contou com maior participação das mulheres que já são donas de casa, possuem famílias, filhos devido o fato da pesquisa buscar analisar as formas de organização das mesmas na comunidade.

Tabela 01: Idade das Informantes Santa Luzia.

Tabela 01		
Idade	F.a.	F.r.
15-19	1	10%
20-24	1	10%
25-29	2	20%
30-34	2	20%
35-39	1	10%
40-44	1	10%
45-49	1	10%
50-54	0	0%
55-59	0	0%
Acima de 60	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Pesquisa/CNPq/2014.

No que concerne ao grau de escolaridade das informantes, em São Lázaro foi possível observar que o grau de instrução é baixo devido o fato de a maioria assinar somente o nome e as que leem realizarem tal atividade com bastante dificuldade. É possível observar que na realidade das comunidades Amazônicas a educação se torna distante dos moradores por diversos fatores como: a falta de materiais didáticos adequados, a falta de professores, o tempo de cheia e seca do rio que impossibilita os alunos de chegarem a escola, outro fator é a participação nos trabalhos de casa, incluindo o roçado e outras atividades para a manutenção da família. Diante do exposto a pesquisa aponta que nesta comunidade 08% das mulheres nunca estudou, 25 % são apenas alfabetizadas, 25 % possuem apenas o ensino fundamental incompleto, entre as informantes nenhuma possui ensino Médio incompleto e 42% o ensino Médio Completo e nenhuma das informantes possui ensino superior.

Em relação à comunidade de Santa Luzia no que concerne à educação, 80% das mulheres sabem ler e escrever e querem continuar estudando, dentre as respostas sobre a motivação em continuar os estudos, elas afirmam que é através do estudo que terão melhores oportunidades de emprego e melhoria na qualidade de vida. Quanto ao grau de escolaridade, destaca-se que 40% possuem ensino médio completo, 20% ensino médio incompleto e 20% possuem ensino superior completo.

Das mulheres pesquisadas, 50% ainda estudam e 80% pretendem continuar os estudos. Esse fator nos remete principalmente ao desejo e a importância que a educação formal tem para as mulheres ribeirinhas em Santa Luzia, é o que revela uma das informantes “*quero estudar para melhorar de vida e ajudar as pessoas*” (B. 23 anos, entrevista/2014). Note-se que a fala desta entrevistada revela sua intenção de contribuir para a melhoria de vida, não só dela, mas, de todos da comunidade.

Com relação ao perfil socioeconômico das mulheres, em Santa Luzia se identificou que 50% das informantes são Agricultoras e 50% delas exercem outra profissão, sendo as mais citadas professoras e agente de saúde. Importante destacar que as entrevistadas apontam como principal atividade produtiva a agricultura e 50% delas não desenvolvem outra atividade para geração de renda.

Na comunidade São Lázaro, no que concerne aos resultados é importante destacar que, 75% das mulheres afirmaram ser agricultoras, 8% afirmaram ser artesãs, 9% agricultoras e pescadoras, e 8% se enquadram na categoria “outro” que se dividiu entre caçadoras e funcionárias públicas.

A partir desses dados podemos interpretar os resultados segundo a discussão de Chaves (2001) e Rodrigues (2001):

Na concepção de Chaves (2001, p.62), a diversidade sociocultural das populações amazônicas pode ser percebida “na vigência de modalidades diferenciadas de uso dos recursos naturais e de identidades sociais particulares”. Um ponto a ser considerado, ainda, é quanto a base de sustentação da identidade destes grupos, a qual se encontra firmada na origem étnica, sobretudo a indígena, por meio da qual se pode perceber uma adoção e adaptação dos saberes, técnicas e modos de vida de acordo com as necessidades dos grupos, sendo estas identificadas no manejo dos recursos naturais os quais se constituem de forma diferenciada de um grupo para o outro quanto as relações sociais de produção e processos técnicos de trabalho (RODRIGUES, 2001).

A maior porcentagem das mulheres se considera Agricultora, isso ocorre segundo Chaves (2001) por que, a cultura material dos ribeirinhos se dá no manejo das áreas em que se estabelecem, é desde sempre que estas populações possuem íntima ligação com a natureza, os conhecimentos dessas populações ocorrem por meio das tecnologias tradicionais que vêm da cultura indígena.

As populações ribeirinhas herdaram o conhecimento sobre o conjunto de técnicas produtivas e da organização social como o preparo da farinha, a coleta dos frutos, óleos, resinas e materiais para a habitação (CHAVES, 2001; RODRIGUES, 2008).

A respeito da renda familiar, na comunidade de Santa Luzia, nota-se que a 50% das mulheres detêm a renda principal da família, este valor refere-se àquelas que são professoras na Comunidade. Destaque-se que 40% das famílias possui uma renda familiar inferior a 1 salário mínimo, 20% possuem renda de até 1 salário mínimo e outros 20% entre 1 e 2 salários mínimos.

Ainda a este respeito, em São Lázaro, 58% das informantes afirmam que a parte principal é do Marido, porém ao responder o formulário completo pôde-se perceber que a renda maior muitas vezes parte da mulher ou dos filhos, isto se dá por meio de questões culturais que perpassam essas respostas, uma vez que foi possível perceber que para as mulheres mesmo os maridos não possuindo o maior ganho mensal, elas os veem como os chefes de suas famílias. Os dados indicaram que a maioria, 46%, ganha até dois salários mínimos.

4. Organização e Trabalho das Mulheres Ribeirinhas nas Comunidades de São Lázaro e Santa Luzia no Grande Lago de Manacapuru

No contexto do século XXI os estudos e debates em torno das diferentes formas de desenvolvimento do trabalho assumem lugar de destaque, seja no âmbito acadêmico científico, ou da sociedade civil organizada. Neste cenário o trabalho é compreendido enquanto elemento fundamental da formação humana onde é através dele que o homem desenvolve meios de subsistência e se estabelece na sociedade através de sua capacidade teleológica de desenvolver meios e objetos de trabalho que assegurem sua reprodução material e imaterial. Para Antunes, “a realização do ser social objetiva-se através da produção e reprodução da sua existência, ato social que se efetiva através do trabalho”. (2010, p. 142).

Com base neste entendimento, o trabalho tem significado social, é

condição para a existência humana, ao mesmo tempo se constitui:

[...] categoria fundante do mundo dos homens porque em primeiro lugar, atende à necessidade primeira de toda sociabilidade: a produção dos meios de produção e de subsistência sem os quais nenhuma vida social poderia existir (LESSA, 2007, p.142).

Em se tratando especificamente das mulheres ribeirinhas das comunidades de Santa Luzia e São Lazaro, o seu cotidiano é marcado, não por uma forma unificada e padronizada de trabalho, mas, pela diversidade de tarefas que elas realizam em diversos espaços e momentos da casa e da comunidade, vale destacar que essa diversidade de tarefas faz parte da cultura local construída socialmente e historicamente, cujas bases encontram-se, sobretudo no modo de ser e viver das populações indígenas da região.

A rotina de trabalho dessas mulheres tem início já nas primeiras horas da manhã quando preparam o café da manhã da família e cuidam de todos os afazeres domésticos, em seguida se dirigem para a roça. Quando questionadas sobre o trabalho, a pesquisa revela que, 60% das informantes se consideram agricultoras e 40% exercem outras profissões, entre elas professoras, agentes de saúde e merendeiras, atuação sempre ligada a educação ou saúde na comunidade. Destaque-se que estas mulheres estão envolvidas com o trabalho da Escola Municipal, exercendo diversas atividades, no período vespertino e noturno. Importa frisar que, as que exercem outras profissões, também realizam atividades de agricultura para subsistência e alimentação.

Acerca disto, identifica-se a presença da força humana na apropriação da natureza, a fim de transformá-la em algo útil para a manutenção da vida humana, acerca disto Marx (1980) afirma que o:

Trabalho é um processo de que participam homem e a natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza (...). Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil

para sua própria vida (MARX, 1980).

Partindo desta compreensão, além de transformar o mundo objetivo, o trabalho também transforma o próprio indivíduo, ou seja, ao término do seu trabalho o homem já não é mais o mesmo, pois, este se transforma ao realizar a objetivação, é transformado ao mesmo tempo em que transforma o elemento natural em algo útil a sua própria subsistência. Neste caso, ao término do seu trabalho, o homem adquire novos conhecimentos e habilidades. Esta realidade faz com que novas necessidades e novas habilidades sejam constantemente (re)construídas formando assim um ciclo contínuo.

Um ponto relevante neste debate, é que o homem se diferencia do animal irracional, que age por instinto, justamente porque, antes da realização prática do seu trabalho é capaz de pensar e elaborar o que será realizado, planejando suas ações de forma racional, para então executar.

No que concerne ao trabalho ribeirinho, este ocorre no contato direto do homem com a natureza, numa perspectiva de reciprocidade e interdependência, onde o homem ao mesmo tempo em que transforma a natureza, transforma a si mesmo, fazendo uma leitura a partir da abordagem marxista. Desta forma, o homem participa de todo o processo do trabalho, “labora e se mistura com ele” (ARENDT, p. 149, 1999). Importa ressaltar que o homem/mulher ribeirinho (a) não só participa do processo de trabalho, mas possui domínio cognitivo das técnicas e formas de uso dos espaços, o qual historicamente desenvolveu habilidades específicas adaptadas ao contexto local. Desse modo, é possível pensar a atividade do homem/mulher amazônico enquanto trabalho.

De acordo com Arendt (1999, 164), há diferença entre trabalho e labor, no entanto, muitas vezes, erroneamente, são utilizados como sinônimos. Segundo autora, a palavra labor tem sua origem:

[...] resultante da acirrada luta do homem contra a necessidade e de uma impaciência não menos forte em relação a todo o esforço que não deixasse qualquer vestígio, qualquer monumento, qualquer grande obra digna de ser lembrada, generalizou-se a medida em que a vida na *polis* consumiam cada vez mais o tempo dos cidadãos e com a ênfase em

sua abstenção de qualquer atividade que não fosse política, até estender-se a tudo quanto exigisse esforço (ARENDDT, 1999, p.164).

Desta forma, na antiguidade, o termo labor era utilizado para designar uma atividade realizada por membros da espécie humana totalmente sujeitos à necessidade (Arendt, 1999). Por este motivo, as pessoas que desenvolviam atividades pela necessidade e subsistência, não eram considerados “homens” passando a empregar conceitualmente o termo “animal” ao conceito de *animal laborans*.

Na ótica de Arendt (1999) o labor não é uma atividade para enriquecer o mundo e neste aspecto assemelha-se ao conceito de trabalho “improdutivo”, desenvolvido por Marx (1980). Para Arendt (1999, p. 98.), “a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo, embora eivada de preconceito, mostra a distinção mais fundamental entre trabalho e labor”. A produtividade do labor, diferentemente do trabalho, reside na força humana e não em um objeto ou produto, na fala da referida autora:

A produtividade do labor só ocasionalmente produz objetos; sua preocupação fundamental são os meios da própria reprodução; e, como a sua força não se extingue quando a própria reprodução já está assegurada, pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca produz outra coisa a não ser vida. (ARENDDT, 1999, p.98)

Partindo deste entendimento, na Amazônia, o trabalho realizado pelas mulheres ribeirinhas pode ser denominado de labor, uma vez que segue uma lógica da necessidade de prover meios de subsistência e manutenção da vida humana e de toda a espécie. Este trabalho é realizado por toda a unidade familiar e comunitária de forma coletiva num processo de ajuda mutua que envolve além dos familiares, os vizinhos e amigos que vivem na comunidade. Este trabalho assume, portanto, as características de um trabalho coletivo, em que cada um faz uma parte do processo para contribuir com o sustento de toda a família e comunidade ribeirinha. Importante frisar que, todos os envolvidos neste processo tem domínio sobre as técnicas do saber fazer, apreendem observando e fazendo.

A partir de estudos e pesquisas realizados na região (CHAVES, 2001; CASTRO, 1999), pode-se afirmar que a lógica deste trabalho supera a prática excludente do capitalismo, tendo em vista que “seus agentes se propõem a gerar trabalho e renda para todos os participantes no processo de produção de bens e serviços de maneira equitativa e justa, eliminando a subalternidade existente nos empreendimentos capitalistas” (SILVAN, 2010, p.116). Some-se a isto o fato de que este trabalho tem função cooperativista e solidária, porque “sustenta-se numa ética de solidariedade e relações com a natureza que prescindem das determinações derivadas das grandezas socialmente estabelecidas, quer seja no âmbito do lucro e da renda da terra, quer seja no aspecto do salário” (TORRES, 2010, p. 197).

O trabalho realizado em conjunto por toda família, tem como principal protagonista e articuladora do processo as mulheres, que são, em sua maioria, polivalentes e assumem diversas atividades na casa e na comunidade, as quais podem ser destacadas: trabalhar no roçado com o preparo da terra e plantio de mandioca para produção da farinha; participar de grupos de produção; se envolver nas atividades políticas e culturais da comunidade, organizando e mobilizando a comunidade, além dos afazeres domésticos.

Um ponto de destaque, ainda, é que a mulher ribeirinha amazônica não fica restrita a casa cuidando dos filhos, mas participa de todas as atividades de subsistência da comunidade, esta forma de organização faz parte da herança cultural deixada pelos índios, de acordo com Torres (2010) “a relação do trabalho indígena se dá a partir da sua experiência com a terra, a floresta e os rios que são os maiores referenciais de sua vida” (p. 200). Observe-se que a comunidade ribeirinha se move a favor do bem de todos através do seu trabalho nas atividades de subsistência, a partir do estabelecimento da relação direta destes com a natureza.

Neste contexto o trabalho da mulher ribeirinha amazônica desempenha papel fundamental na agricultura e se empenha a favor do bem comum da família e comunidade em geral, através do seu trabalho com a produção para subsistência e na organização do trabalho que garante certa unidade, mesmo em meio a diversidade/diferenças existentes no convívio comunitário rural/ribeirinho.

Acerca do trabalho no roçado, através do estabelecimento da relação homem/mulher/natureza, a pesquisa revela que, em Santa Luzia, 60% das informantes são agricultoras e 40% exercem outras profissões, já em

São Lázaro, como citado anteriormente, 75% das mulheres afirmaram ser agricultoras, 8% afirmam ser artesãs, 9% agricultoras e pescadoras, e 8% se enquadram na categoria “outro” que se dividiu entre caçadoras e funcionárias públicas na educação ou saúde.

No entanto, as que exercem outras profissões, também realizam atividades de agricultura para subsistência da família. Dentre as outras profissões exercidas nas comunidades, estão a de professora, agente de saúde e merendeira. Para além dessas atividades, algumas das mulheres estão envolvidas também em atividades coletivas, como o Grupo de Produção de Costura, criação de aves para venda e consumo da família e criação de abelhas indígenas para produção de mel, utilizado na produção de remédios e para adoçar sucos ou alimentos.

No que concerne à agricultura, nas duas comunidades esta atividade é desenvolvida pelas mulheres a mais de 10 anos e a maioria aprendeu com os pais e ou/parente próximo. Este dado remete principalmente ao fato de que o trabalho na agricultura familiar na Amazônia assume características culturais que se delinearão a partir de um processo histórico, são costumes e práticas desenvolvidos e repassados através da tradição oral e visual, pois as mulheres aprenderam fazendo e vendo os seus pais fazerem desde a sua infância, afirmam as mulheres entrevistadas.

Dentre os trabalhos desenvolvidos na agricultura, nestas comunidades destaca-se o cultivo da mandioca que é feito durante todo o ano. Nas comunidades é comum o cultivo da mandioca para a produção de farinha, base alimentar da população local, e venda do excedente.

Para Chaves (2001), a estratégia de produção e renda nas comunidades ribeirinhas requer alternativas diversificadas, tendo em vista características peculiares em função do contexto e dos agentes sociais envolvidos. Em termos financeiros, a atividade principal desenvolvida pelos ribeirinhos pode render menos que a subsidiária, ou seja, o fator econômico não é o único determinante da representação o qual o grupo adota para eleger sua atividade principal.

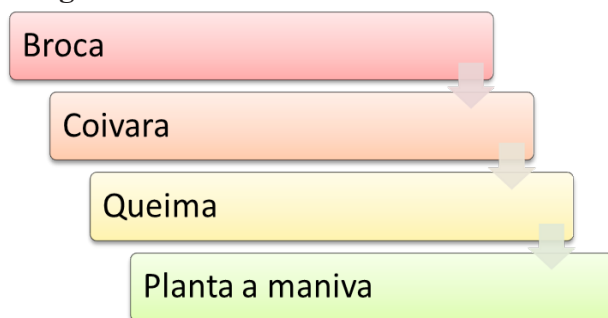
Nesta realidade, a atividade produtiva não se restringe ao fator econômico, mas está relacionada à sociabilidade do grupo, assumindo caráter de relevância sociocultural em que todos os integrantes do grupo doméstico se envolvem. Para Diegues as populações tradicionais estão:

[...] relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capi-

tal, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis [...]. (DIEGUES *apud* RODRIGUES, 2001, P.88).

Desse modo, o cultivo da mandioca é realizado de acordo com o costume de cada comunidade, em geral envolvendo toda família. As mulheres de Santa Luzia realizam-no seguindo quatro (4) etapas, conforme o figura abaixo:

Figura 02: Cultivo da Mandioca.



Fonte: Entrevistada 1 - Pesquisa/CNPq/2014.

Destaque-se que o início do cultivo da mandioca se dá a partir da escolha do terreno para o plantio, o roçado é feito coletivamente por várias pessoas da família e comunidade, este trabalho coletivo é conhecido na comunidade como *ajuri*. Eles se reúnem em grupos de trabalho e cada dia fazem o roçado de uma família.

Vale ressaltar que as crianças sempre acompanham as mulheres nas atividades do roçado e conhecem todo o processo para a produção da farinha. Esse processo se dá em quatro etapas, a saber: descascar a mandioca, por na água, por na prensa, peneirar e torrar, de acordo com as etapas descritas a seguir:

Figura 03: Processo da Produção da Farinha.



Fonte: Pesquisa/CNPq/2014.

A colheita da mandioca é feita após o plantio de 10 a 12 meses, aproximadamente, em seguida as mulheres carregam o paneiro nas costas até a casa de farinha onde colocam a mandioca de molho na água durante 3 dias. É desta forma que se dá a rotina de trabalho das mulheres ribeirinhas de Santa Luzia e São Lázaro.

No que diz respeito à Organização das Mulheres ribeirinhas, O estudo foi realizado a partir de 02 entidades organizativas, em Santa Luzia, a saber: Associação dos Produtores Rurais de Santa Luzia e Grupo de Costura Mulheres Girassol. Em São Lázaro, de acordo com as mulheres há Associação dos Moradores de Dominginhos e Grupo de Costura Casa das Cores.

Em relação à participação das mulheres, verificou-se que em Santa Luzia, 80% delas participam de alguma organização comunitária já em São Lázaro 100% é participante.

Dentre as organizações comunitárias que as mulheres participam estão as Associações, mas também em Santa Luzia 60 % delas assumem cargos, dentre as funções e cargos assumidos pelas mulheres estão presidente, vice-presidente e tesoureira, secretaria. Em São Lázaro, dentre as entrevistadas também foi identificado que algumas possuem cargos de liderança, caso da presidente da Associação de trabalhadores rurais de São Lázaro, que é uma mulher. Segundo Torres (2007), as mulheres fortalecem

os laços de sociabilidade de modo que as práticas de convivência e auxílio mútuo são evidenciadas nesses momentos.

5. Considerações

No contexto Amazônico é possível identificar diversas particularidades nas mais variadas formas de relação homem/mulher/natureza, sendo desenvolvidas nas comunidades. Nestas, historicamente, é possível visualizar a existência de uma complexa rede de relações sociais, intercâmbios de produção e uma forma de organização político organizativa particular. Segundo Chaves (2001), a combinação desses fatores institui um espaço de vida e trabalho, que fortalece a identidade sociocultural destas populações.

Nas comunidades de São Lázaro e Santa Luzia foi possível identificar, a partir da pesquisa realizada, o protagonismo das mulheres em relação às atividades desenvolvidas não apenas no ambiente doméstico, mas também na organização comunitária de um modo geral e nas tomadas de decisões. Vale destacar que atualmente em uma das comunidades a líder da Associação de produtores rurais é mulher. Segundo Oliveira (2013), o protagonismo da mulher tem sido explicitado através da diversidade de suas atividades fora da unidade de produção rural, como a pesca, as atividades extrativistas, a comercialização dos produtos cultivados, do artesanato produzido, dentre outros. Não é recente que a mulher desenvolve diversas atividades, no entanto, é com sua atuação em organizações coletivas nas comunidades, participando no processo de tomadas de decisões, que elas têm conseguido alcançar certa visibilidade e reconhecimento.

Partindo desta análise entender o grupo, ao qual esta sendo realizada essa pesquisa, requer a clareza de seu papel no contexto familiar e comunitário, nesse sentido pode-se notar que as mulheres são protagonistas no desenvolvimento das atividades produtivas e que as mesmas se reconhecem como trabalhadoras e sujeito de direitos.

A partir do entendimento do protagonismo dessas mulheres no “seu saber fazer” a essência da significação do seu trabalho, respaldado na cultura, caracteriza o seu modo peculiar de (re)produzir subsistência e renda, pois através de técnicas e tecnologias tradicionais, as mulheres ribeirinhas das comunidades de São Lázaro e Santa Luzia garantem a reprodução material e cultura de sua família e comunidade.

Com base nos resultados obtidos na pesquisa, foi possível identificar diversas particularidades em relação às mulheres das Comunidades

de São Lázaro que são responsáveis por compor uma identidade familiar, social, cultural e política, dentre as quais se destacam:

a) A marcante presença das mulheres nas atividades socioculturais;

b) O protagonismo e a liderança das mulheres da comunidade em relação às atividades coletivas e produtivas;

c) A forte presença na agricultura, o que foi observado nestas comunidades é que elas assumem o papel de agricultoras e desenvolvem esta atividade, sobretudo no roçado para produção de farinha;

d) A contribuição das mulheres no contexto familiar, onde se pôde observar o protagonismo nas decisões familiares, na educação dos filhos e no interesse na melhoria das condições de vida das suas famílias e da comunidade em sua totalidade;

e) Conhecimentos específicos sobre técnicas de manejo dos Recursos Naturais;

f) A atuação das mulheres nas comunidades é de suma importância para a organização da comunidade;

g) As mulheres das comunidades sempre estão procurando se articular e se unir para a superação dos diversos problemas vivenciados no local;

h) Na realidade local elas são agentes sociais atuantes na transformação da situação da mulher.

Nesse sentido, partindo da análise feita pela pesquisa apresentamos indicações de medidas para garantia de direito as mulheres das comunidades e os moradores como um todo.

- ✓ Viabilização de acesso a bens e serviços sociais;
- ✓ Maior acesso a previdência social, sobre tudo no que diz respeito à aposentadoria e salário maternidade;
- ✓ Fortalecimento da organização comunitária;
- ✓ E apoio na atividade produtiva.

Diante dos resultados expostos a partir da pesquisa, sugere-se então que a sociedade civil e o Estado abram um debate que remeta para a elaboração de políticas públicas para a inclusão dessas mulheres em outros programas de geração de renda que atendam de fato as especificidades locais. Faz-se necessário, portanto, buscar soluções para possibilitar o acesso das mulheres ribeirinhas às políticas públicas.

6. Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1999.

CAMPOS, Anelise Rondon de. **Análise da atuação da mulher ribeirinha na comunidade Santo Antônio de Mucajá no Município de Maués/AM**. Anelise Rondon de Campos - Manaus, UFAM, 2009.

CASTRO, Edna. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: **Faces do Trópico Úmido – conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Edna Castro, Florence Pítou (orgs). – Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 1997.

CHAVES. M. do P. Socorro Rodrigues. **Uma experiência de Pesquisa-ação para Gestão comunitária de tecnologias Apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de reforma agrária Iporá**. Tese de Doutorado. UNICAMP/CIREDE, Campinas, 2001.

FECHINE, Elaine Filgueiras Gonçalves. **Condições de vida e trabalho das mulheres ribeirinhas do rio madeira**. Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2008.

LESSA, Sergio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo. Cortez, 2007.

MARX, Karl. **O Capital**. Editora Bertrand Brasil, 1980.

RODRIGUES, D.C.B. **A relação homem-natureza das formas de uso e propriedade da terra na Amazônia**. Mestrado em Sociedade e Cultura no Amazonas. UFAM. 2001.

_____. **Estudo para identificação de mecanismos de proteção aos conhecimentos das populações tradicionais: estudo de caso das comunidades Ebenézer e Mucajá em Maués/AM**. 2009. 160f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Programa Multi-Institucional de Pós-Graduação em Biotecnologia – PPGBIO-TEC. 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

TORRES, Iraildes Caldas. RODRIGUES, Luana Mesquita. **Mulher Trabalha ou Ajuda?** Relações de gênero no sistema de produção na comunidade de São Francisco do Paroá, na Costa do Canabuoca, Manacapuru/AM. 2010.

_____ Constituição etnográfica da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto. In: _____. (Org.). **O Ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Editora Valer/ Fapeam, 2012.